

A comunidade tradicional pantaneira de mimoso na reserva da biosfera do Pantanal

A comunidade tradicional pantaneira de Mimoso, localizada no Pantanal Mato-grossense é detentora de saberes e práticas herdadas e acumuladas de seus ancestrais indígenas e não indígenas. A vivência no mundo com o domínio das águas, como o pantanal, possibilita experiências singulares presente nessa comunidade que pode revelar o cotidiano, o modo de vida, o trabalho, as crenças, os mitos e as inter-relações que expressam o encontro da natureza e sociedade. Neste estudo buscamos compreender as relações sociais, ambientais e as manifestações culturais estabelecidas no seu espaço de vivência. A investigação foi qualitativa e a seleção das pessoas foi baseada no método bola de neve, onde 29 interlocutores participaram de entrevistas semiestruturadas entre os meses de fevereiro de 2019 e março de 2020. A observação participante foi realizada na moradia de cinco famílias, onde foi vivenciado seu cotidiano e as narrativas de suas histórias de vida, e, em outros ambientes de socialização como rodas de conversa e feira de produtos bioculturais. Deste modo, foi possível conhecer como vivem, quais os costumes e práticas dessa população. A comunidade apresentou saberes e práticas tradicionais no seu cotidiano identificados por meio de produtos bioculturais e de valores e sentimentos de pertencimento que os levou a se autodenominarem mimosoanos.

Palavras-chave: Bioculturalidade; Conhecimento ecológico tradicional; Mato Grosso; Mimosoanos; Uso das plantas.

The traditional pantanian community of mimoso in the reserve of Pantanal biosphere

The traditional Pantanal community of Mimoso, located in the Pantanal of Mato Grosso, holds knowledge and practices inherited and accumulated from their indigenous and non-indigenous ancestors. The experience in the world with the domain of waters, such as the swamp, allows unique experiences present in this community that can reveal the daily life, the way of life, work, beliefs, myths, and the interrelationships that express the meeting of nature and society. In this study we seek to understand the social and environmental relationships and cultural manifestations established in their living space. The investigation was qualitative, and the selection of people was based on the snowball method, where 29 interlocutors participated in semi-structured interviews between the months of February 2019 and March 2020. The participant observation was carried out in the homes of five families, where it was experienced their daily lives and the narratives of their life stories, and in other socialization environments such as conversation circles and biocultural products fair. In this way, it was possible to know how they live, what the customs and practices of this population are. The community presented traditional knowledge and practices in their daily lives identified through biocultural products and values and feelings of belonging that led them to call themselves mimosoanos.

Keywords: Bioculturality; Traditional ecological knowledge; Mato Grosso; Mimosoanos; Use of plants.

Topic: **Desenvolvimento, Sustentabilidade e Meio Ambiente**

Received: **05/07/2022**

Approved: **29/07/2022**

Reviewed anonymously in the process of blind peer.

Margô de David 
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/7776481802967213>
<http://orcid.org/0000-0001-8610-4465>
margodedavid@hotmail.com

Carolina Joana da Silva 
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/5253872582067659>
<http://orcid.org/0000-0003-3875-7319>
ecopanta@terra.com.br



DOI: 10.6008/CBPC2179-6858.2022.007.0022

Referencing this:

DAVID, M.; SILVA, C. J.. A comunidade tradicional pantaneira de mimoso na reserva da biosfera do Pantanal. **Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais**, v.13, n.7, p.296-312, 2022. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2022.007.0022>

INTRODUÇÃO

O Pantanal Mato-grossense é habitado por diversos povos, dentre eles as comunidades tradicionais, caracterizadas pela simplicidade de estilo de vida e por serem portadoras de saberes e fazeres herdados e acumulados pela tradição. Essas comunidades desenvolveram estratégias de ocupação e manejo de território regido pela dinâmica das águas, e assim reconhecem a importância do regime das cheias para a renovação e preservação da vida e dos ecossistemas pantaneiros (SILVA et al., 1995)

Para Amorozo (1996) essas comunidades tiveram ao longo da história uma estreita e dependente relação com o seu habitat e vem assim acumulando um vasto conhecimento sobre o meio ambiente. Segundo Diegues (1983) as comunidades tradicionais visam a reprodução cultural e social, bem como a compreensão em relação ao mundo natural caracterizada pela ideia de associação com a natureza e a conexão de seus ciclos.

Diegues (1999) acrescenta que essas comunidades se caracterizam pelo modo de vida, pela transmissão do conhecimento por meio da oralidade entre as gerações, pelo tempo de moradia, pela importância das atividades de subsistência sem visar a capitalização, pela valorização das relações familiares e de compadrio, pela importância dos símbolos, mitos e rituais relacionados a atividades de caça, pesca e extrativismo, pelo baixo impacto ao meio ambiente e pelo pertencimento a uma cultura distinta das outras sociedades.

De acordo com o Decreto 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, povos e comunidades tradicionais são definidos como

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007)

Gomes (2008) caracteriza as comunidades tradicionais pantaneiras como populações biorregionais, as quais dependem da interação ecológica com o ecossistema como forma de assegurar sua sobrevivência. Segundo o autor, essas populações são dinâmicas, ou seja, estão em constante transformação, porém, em harmonia com as modificações que ocorrem na região, preservando os valores com a natureza e a cultura pantaneira que fazem a essência de sua tradição. Grün (2002) se refere a essas populações como um meio de estabelecer a conexão entre comunidade humana e comunidade biótica de uma área geográfica.

Hill et al. (2019) definem as relações estabelecidas entre as comunidades tradicionais e a biodiversidade envolvendo aspectos de sobrevivência, cultura e religiosidade como diversidade biocultural. Essas populações retiram de seus ambientes recursos utilizados na alimentação, artesanato, construção, combustível, medicina tradicional, e ritualístico, constituindo produtos bioculturais. Segundo Vieira Filho et al. (2018) além da importância biológica, os recursos da biodiversidade têm grande importância biocultural.

Associada a essas e outras características está a comunidade que vive no Distrito de Mimoso, foco do presente estudo e detentora de saberes e práticas construídas nas inter-relações com os elementos

presentes no bioma pantaneiro. Esses saberes, também denominados conhecimentos tradicionais é descrito por Ferreira et al. (2020) como “a forma mais antiga de produção de teorias, experiências, regras e conceitos, isto é, a mais ancestral forma de produzir a ciência”.

Berkes et al. (1998) definem os saberes tradicionais como conhecimento ecológico tradicional (TEK), como o corpo cumulativo de conhecimento, práticas e crenças nas relações entre os seres vivos e ambiente. Galdino et al. (2009) descrevem o TEK no contato direto entre pantaneiros ribeirinhos do rio Cuiabá e os recursos naturais.

A vivência no mundo com o domínio das águas, como o pantanal, possibilita experiências singulares presente nessa comunidade que pode revelar o cotidiano, o modo de vida, o trabalho, e as inter-relações que expressam o encontro da natureza e sociedade. Desta forma, esta pesquisa teve como objetivo compreender as relações sociais e ambientais vivenciadas pelos mimoseanos.

METODOLOGIA

O lócus da pesquisa

O estudo foi desenvolvido na comunidade tradicional de Mimoso (Figura 1) situada no município de Santo Antônio de Leverger, Estado de Mato Grosso. A localidade pertence à Mesorregião Centro-Sul Mato-grossense, à Microrregião de Cuiabá e à Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá, entre as coordenadas geográficas 15° 51' 17" latitude Sul e 56° 4' 13" longitude Oeste.

Santo Antônio de Leverger, antigo Santo Antônio do Rio Abaixo é considerado o berço do Pantanal Mato-grossense. Situa-se na Baixada Cuiabana, nas margens do rio Cuiabá e distante 27 km da capital. Possui uma população estimada de 16.999 habitantes e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,666 (SCHEUER et al., 2018). Ocupa uma área territorial de 11.283 km² com 4.393 km² no planalto e 6.890 km² no pantanal, inserida nos biomas Cerrado e Pantanal (ROSSETTO et al., 2012). É o terceiro município mais inundável (61%) do Estado de Mato Grosso, depois de Barão de Melgaço (99,2%) e Poconé (80,3%).

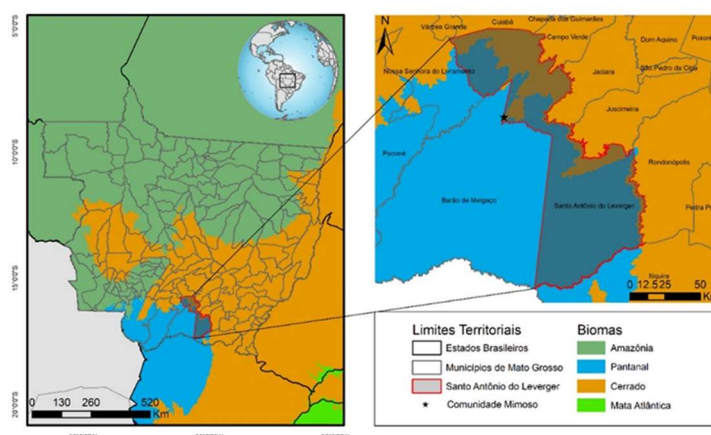


Figura 1: Área de estudo: Comunidade Mimoso, Santo Antônio de Leverger – MT, 2022.

O clima é do tipo Aw (KÖPPEN, 1931), apresenta duas estações bem definidas, uma chuvosa (outubro a março) e outra seca (abril a setembro), as precipitações médias anuais ficam em torno de 1.500 a 1.700 mm (ALVARENGA et al., 1984) e temperatura média de aproximadamente 26,5°C (MAITELLI, 1994). A

formação vegetal predominante é o cerrado (desde campo limpo até cerradão), apresentando floresta decídua na encosta dos morros e floresta de galeria ao longo dos rios, além de, em alguns trechos, vegetação típica de áreas alagadas. Predominante é o cerrado (desde campo limpo até cerradão), apresentando floresta decídua na encosta dos morros e floresta de galeria ao longo dos rios, além de, em alguns trechos, vegetação típica de áreas alagadas (SCHWENK et al., 2000).

A economia do município baseia-se no turismo, pesca e agropecuária com agricultura de subsistência e pecuária de cria, recria, corte e leiteira. Atualmente, Santo Antônio de Leverger constitui-se da sede e dos distritos de Caité, Engenho Velho, Varginha e Mimoso, local onde realizou esse estudo.

O Distrito de Mimoso foi criado pela Lei Estadual nº 1.178, de 17 de dezembro de 1958 e seus limites foram alterados pela Lei Estadual nº 4.362, de 19 de outubro de 1981, vigente até os dias atuais (SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER, 2020).

A comunidade tradicional de Mimoso está situada no Pantanal, às margens da área inundável da Baía de Chacororé (SILVA et al., 1995). Dessa forma, a comunidade sempre coexistiu em um ecossistema dominado pela água, caracterizado pelas autoras “no ritmo das águas”. A região se destaca pela diversidade socioambiental constituída por uma comunidade tradicional de características econômicas e diversidade cultural específicas, resultante da miscigenação entre os povos indígenas e não indígenas.

Até meados do século passado, a comunidade era desprovida de estradas, energia elétrica e telefonia, o deslocamento era feito a cavalo no período de estiagem e de barco durante as chuvas. Atualmente os mimoseanos estão concentrados entre a Morraria e a Baía de Chacororé, local considerado a sede do distrito (SILVA et al., 1995).

O relevo da região é formado por três macro habitats, a morraria, o sopé do morro e a área inundável da Baía de Chacororé. A morraria é constituída de cristas simétricas e assimétricas de topo contínuo predominantemente plano com alguns trechos aguçados. Caracteriza-se por ser coberta pela floresta estacional decidual submontana, com transição para os cerrados (SCHWENK et al., 2000).

No sopé do morro encontra-se a maioria das casas, rodeadas por quintais, com algumas espécies de árvores nativas da morraria e outras cultivadas pelos mimoseanos. Na área inundável da baía Chacororé, estão as pastagens naturais, predominando o capim-mimoso (*Axonopus purpusii* (Mez) Chase), planta nativa que cobre o ‘largo ou o campo’ e deu origem ao nome do lugar. No campo, criam o gado e cavalos, em convivência com anfíbios, aves, répteis e capivaras. Essa região sofre alterações anualmente de acordo com o regime das chuvas (SILVA et al., 1995).

Os caminhos percorridos nesta pesquisa

As primeiras viagens de estudo aconteceram entre os meses de dezembro de 2018 e fevereiro de 2019. Neste período foi realizado o Pré-teste, que consistiu em conhecer a área e dialogar com algumas pessoas da comunidade. Desta forma, foi possível selecionar alguns participantes, estabelecer um cronograma de visitas e ajustar a melhor metodologia, as técnicas e as ferramentas para obtenção dos dados.

O envolvimento dos participantes na pesquisa ocorreu por amostragem não probabilística utilizando

a técnica Bola de Neve (VINUTO, 2014; BAYLEY, 1982), onde os interlocutores, ao término da entrevista, indicaram outras pessoas detentoras do conhecimento relacionado aos aspectos culturais, sociais e ambientais da comunidade para participarem da pesquisa (ARRUDA et al., 2018; ALMEIDA et al., 2012; GALDINO et al., 2009). Portanto, não é possível determinar a probabilidade de escolha dos participantes, neste caso os interlocutores colaboram com o pesquisador a iniciar seus contatos e explorar o grupo pesquisado, mediado com o tema da pesquisa.

Neste sentido, a pergunta norteadora para indicação dos detentores do conhecimento foi: Quem você indica como conhecedoras da história da comunidade e dos ambientes de Mimoso para que eu possa realizar esta mesma entrevista?

As entrevistas iniciaram após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso (CEP/UNEMAT), conforme Parecer nº 2.832.217 de 20 de agosto de 2018 e, ocorreu entre os meses de fevereiro de 2019 e março de 2020. As entrevistas foram realizadas, posteriormente, a explanação do objetivo da pesquisa para os participantes e mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respeitando-se, assim, as especificações da ética em pesquisa, como determina as exigências da resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 Conselho Nacional de Saúde (CNS).

O universo dos entrevistados foi de 29 pessoas, sendo 15 homens e 14 mulheres, com idade variando entre 37 e 90 anos. As entrevistas do tipo semiestruturada seguiram um roteiro com questões previamente elaboradas, combinando questões fechadas e algumas abertas, permitindo ao pesquisador um controle maior sobre o que pretende saber e, simultaneamente, concedendo espaço a uma reflexão livre do interlocutor sobre os temas apontados (MINAYO et al., 2018; VIERTLER, 2002).

Outra técnica utilizada foi a observação participante (GEERTZ, 1989; MALINOWSKI, 1978), nesse caso o pesquisador se entrega à rotina e a participação nas atividades de interesse dos pesquisados (VIERTLER, 2002). Por meio da observação participante foram registrados de que forma o etnoconhecimento é transmitido na comunidade, o comportamento e as atividades diárias, o preparo das refeições, de doces e de remédios (chá e xarope), a limpeza de peixes, as falas em conversas informais.

Durante as entrevistas e na observação participante, algumas pessoas relataram sua história de vida, narraram suas alegrias, vivências, expectativas, saudades e sofrimentos. Segundo Viertler (2002) essas falas, opiniões e histórias dos interlocutores fornecem dados êmicos que podem ser usados pelo pesquisador em termos de ideias, hipóteses, conceitos e concepções, ou seja, por meio de uma abordagem ética.

Nesta etapa foram utilizados como instrumentos de trabalho o diário de campo e a câmera fotográfica, objetivando realizar os registros pertinentes à pesquisa. Segundo Viertler (2002) no diário são registrados desde observações até impressões subjetivas do pesquisador relacionados aos fatos ocorridos na comunidade. Para Minayo (2012) o diário de campo constitui um meio em que o pesquisador dispõe para organizar seus dados, sejam eles, acontecimentos, percepções ou sentimentos. Por meio da câmera fotográfica foram registradas imagens de plantas, animais, pessoas, unidades de paisagens, residências, escola, momentos de entrevistas e eventos culturais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Aqui tem tudo, bicho, pássaro e flor... daqui tiro meu sustento”

Mimoso tem sua origem atribuída a uma herança de 13 mil hectares de terras que constituía a Sesmaria de Morro Redondo, requerida pelos antepassados de Marechal Rondon (Cândido Mariano da Silva), e posteriormente, dividida entre seus parentes mimoseanos (VIVEIROS, 1969).

A localidade é conhecida por sua importância histórica e cultural para Mato Grosso, pois ali nasceu o Patrono das Comunicações, Marechal Cândido Rondon (1865-1958), e vive uma das principais comunidades tradicionais pantaneiras do Estado. Atualmente, uma importante referência do local é o Memorial Rondon, obra arquitetônica construída em homenagem ao Marechal e que abriga a sala de memória onde retrata sua convivência com a comunidade.

Esse lugar já foi apresentado por outros autores em diferentes perspectivas. Do encontro entre a Ecologia e a Antropologia trazida por Silva et al. (1995) foi destacado os princípios entre natureza e cultura; na Etnobotânica, Schwenk et al. (2000) enfatizam as espécies utilizadas da morraria; na Educação Ambiental, Cruz (2002) estuda a práxis educativa e a problemática do lixo; Gomes (2008) ressalta as interações das relações da Ecologia Humana com o meio cultural; Leite (2011) destaca o encantamento das águas no imaginário popular pantaneiro; no campo das Ciências da Saúde, Santos (2015) traz a experiência dos laços familiares e o sentimento de pertencimento para além do espaço geográfico.

A comunidade mimoseana desfruta de uma belíssima paisagem caracterizada por uma dinâmica espacial de terras altas, dos macrohabitats morraria, entremeadas com terras baixas e secas, sopé do morro (firme), e alagáveis, área inundável da Baía de Chacororé.

Da morraria os mimoseanos utilizavam e ainda utilizam a madeira de inúmeras etnoespécies, para construção de cerca, curral, casas e utensílios, lenha, artesanato, além de folhas, casca e raiz para uso medicinal. Percebe-se nas narrativas dos interlocutores a importância que dão à flora local. Segundo Pasa (2007) “a relação de coexistência entre os habitantes das comunidades e as matas da região transcende o caráter econômico, que é altamente determinante para sua sobrevivência, indo alcançar o caráter social e cultural, mágico e religioso”. Nesse ambiente a coloração da vegetação se altera de acordo com a sazonalidade, variando entre o verde, o roxo da florescência dos ipês e o marrom no período de estiagem.

No sopé do morro estão a maioria das casas, rodeadas por quintais com diversas árvores frutíferas, plantas medicinais e ornamentais, hortas suspensas ou no solo protegidas por tela, e ao fundo pequenas roças, que se estendem até o início do morro, onde são cultivados produtos para subsistência familiar. As práticas de plantio e colheita nas roças seguem um calendário agrícola anual e um calendário lunar que tende favorecer tanto a qualidade da produção quanto a durabilidade (SILVA et al., 1995).

Nos quintais é comum a realização de festejos de santo, rezas, reuniões familiares e muitas vezes são utilizados como ambiente de trabalho. São verdadeiros espaços de produção familiar, gerenciados pelas mulheres e considerados ambientes femininos que funcionam como fonte para produção de alimentos (GOMES, 2008). Nesses espaços também há a criação de galinhas, porcos e outros animais domésticos como

cães e gatos. Os porcos representam uma importante contribuição na alimentação das famílias, pois nem todas têm acesso a carne bovina, algumas possuem somente vaca para ordenha (GOMES, 2008).

O largo ou campo compreende a área inundável da baía, nele é possível observar a criação de gado e cavalos, porém em períodos de cheia a criação é conduzida para lugares mais altos, geralmente no sopé do morro. Além dos bois e cavalos, nesse ambiente é comum a presença de anfíbios, aves, répteis e alguns mamíferos como as capivaras.

Entre as inúmeras baías pantaneiras, a mais próxima de Mimoso é a baía de Chacororé, que se destaca pela importância social, econômica e cultural para a população. Dela provém parte da proteína utilizada na alimentação, sua beleza cênica é um atrativo para turistas, além da importância reprodutiva e nutricional para os peixes. Além de sua importância natural para o ecossistema, ela é morada de seres imaginários, nos seus universos similares ao humano, sob as águas encantadas (LEITE, 2003).

Atualmente, devido à redução das chuvas o nível de água da baía está abaixo do normal e, segundo alguns órgãos governamentais outros problemas vem agravando esta situação, como a obstrução de cursos de água e o desmoronamento de barragens provocados, tanto pela ação humana quanto pelo tempo. Silva et al. (2021) complementam que as ações antropogênicas local e regional são os principais fatores que contribuem para a seca das baías de Chacororé e de Sinhá Mariana.

Mimoso possui uma estrutura constituída de um pequeno comércio de mercearia, supermercado, restaurante, farmácia, posto de gasolina, oficina mecânica e hotel. Diversos estabelecimentos prestam serviços para a comunidade, alguns com construções de importância histórica, como a Escola Santa Claudina, a Capela Santo Antônio e o posto do Correio. Outros são mais recentes e/ou modernos, unidade básica de saúde, igreja evangélica, centro cultural e espaço multiuso (sede da Associação de Moradores do Distrito de Mimoso) e Memorial Rondon.

“Nosso jeito de ser e viver em Mimoso”

Desde o ‘ritmo das águas’ o povo mimoseano vem despertando interesse por diversos estudiosos que buscam nos seus diferentes aspectos, o olhar desse povo, traduzir seu jeito de ser, sua cultura, seu cotidiano e suas origens. Os mimoseanos mostram as características culturais por meio de hábitos, linguagem, organização social e fenotípicas de seus antepassados (SILVA, 2020).

A população que forma o Distrito de Mimoso, é composta por 134 famílias e, aproximadamente, 650 pessoas. Alguns moradores atribuem a descendência de sua família a Marechal Cândido Rondon (GOMES, 2008), entre eles Dona T. (90 anos) afirmou que seu pai, Emílio Mariano da Silva, era primo de Rondon. Segundo Silva et al. (1995) famílias de grande prestígio político em Mimoso, os Lucas Evangelista e os Gonçalves de Queiroz reivindicam a descendência de Rondon.

Em Mimoso é comum a relação de compadrio entre os moradores da comunidade, fato observado durante as entrevistas em que uma pessoa se refere a outra proferindo a expressão “compadre...” ou “comadre...” seguido do primeiro nome próprio. Esse hábito respeitado nas comunidades tradicionais é uma herança da cultura portuguesa (SILVA, 2020). Existe diferentes tipos de compadrio, porém, a principal regra

é o respeito mútuo, caracterizado por Silva (2017) como “irmandade de respeito”, pois essa relação propõe a construção de alteridade e parentesco e a proibição de determinadas práticas. Na perspectiva de Conceição (2015) as relações estabelecidas pelo compadrio podem ser verticais ou horizontais. O primeiro caso ocorre entre pessoas de status socioeconômico diferentes, por exemplo, patrão e trabalhador. O segundo tipo, se dá a partir do relacionamento entre pessoas socialmente semelhantes, prevalecendo laços de amizade, afetividade e consanguíneo.

Evidenciamos elevado grau de parentesco traduzido nas falas dos moradores pela expressão “...*aqui nós é tudo parente!*” Essa frase resultou no título de uma tese de doutorado (Aqui tudo é parente: um estudo das práticas e ideias em relação ao tempo e ao espaço entre camponeses em Mimoso) publicada em 1998 pela pesquisadora Joana Aparecida Fernandes Silva.

Segundo Lakatos et al. (1990) o sistema de parentesco compreende, além da família nuclear, composta de pais e filhos, a afinidade com o cônjuge e seus familiares, a consanguinidade através da relação entre pais e filhos, e os fictícios ou pseudoparentes, envolvendo filhos adotivos, compadrio e escravos. Este último também denominado parentesco social, pois corresponde a um conjunto de laços que revelam formas de aliança ou apoio social (AMARO, 2014).

A organização familiar dos mimoseanos, com idade mais avançada, se dá através de famílias com maior número de filhos, entretanto para os casais mais novos, o tamanho da família é reduzido e em alguns casos não possuem filhos. Pode-se observar tanto a patrilocalidade, após o casamento os cônjuges vão morar com a família do marido, quanto a matrilocalidade, após o casamento os cônjuges vão morar com a família da esposa, essa característica explica a existência de mais de uma casa na mesma propriedade. A prática de estar associado à família do pai é uma herança ancestral dos indígenas da etnia guató (OLIVEIRA, 2003), enquanto a associação à família da mãe refere-se aos bororo, nessa etnia após o casamento o homem passa a pertencer à família da esposa, transferindo sua moradia para a casa da mãe dela (GRUBITS et al., 2005; NOVAES, 1986).

Além das residências patrilocal e matrilocal, Batalha (1995) descreve a ambilocal, quando alguns casais passam a viver com a família do marido, enquanto outros vão viver com a família da mulher; a neolocal, quando o casal estabelece sua residência independente das residências das famílias; avuncolocal, quando o casal passa a viver com o tio materno do marido. O autor acrescenta:

As circunstâncias da adaptação humana aos ecossistemas são provavelmente a principal explicação para a forma como as sociedades humanas se organizam em termos de família e residência, mas as representações coletivas de natureza êmica não podem ser ignoradas e não existe garantia absoluta de que elas reflitam os padrões de organização social e política mais adaptativos em cada sociedade. (BATALHA, 1995)

Em Mimoso é comum a saída de uma parte dos filhos de algumas famílias para estudar ou trabalhar na cidade, principalmente, em Cuiabá, porém não é considerada uma migração definitiva, pois quando essas pessoas ficam com a idade mais avançada fazem o processo inverso e retornam ao seu local de origem. Os mimoseanos que residem fora mantêm o contato familiar, geralmente, aos finais de semana, em festas de Santo ou em datas comemorativas. Um exemplo é o caso da família de Seu A. (83 anos) e Dona O. (74 anos), que possuem oito filhos, destes, três moram em Cuiabá, dois moram em comunidades próximas e os outros

três construíram suas casas na propriedade do pai.

Outro exemplo é relatado por Silva et al. (1995), em que os sete filhos de Seu Moreno e esposa vivem independentemente em suas casas, contudo ao redor da casa paterna, e dividindo pastos e a criação de gado. Nesses dois casos, é evidenciado a similaridade nas famílias mimosseanas, que apesar da diferença do período em que foram realizadas as pesquisas, essa característica é preservada na comunidade.

A maioria das casas é de alvenaria (Figura 2), foram construídas no século passado e a arquitetura presente é uma transição entre o rural e o urbano, geralmente com a frente voltada para a área alagável, o campo, de onde as mulheres observam o trabalho dos maridos com o gado. A madeira utilizada na construção das casas (caibro, ripa, esteio, tábua) e das cercas e porteiras (mourão), que separam as propriedades é proveniente, principalmente, da murraria situada aos fundos das propriedades. No entanto, o uso da biodiversidade nas casas pantaneiras, aos poucos, vem sendo substituído por materiais industrializados. As pessoas com mais recursos dão preferência por casas de alvenaria, tanto pela durabilidade quanto pela beleza (GALDINO et al., 2009).

Durante as entrevistas foi possível observar duas casas com cobertura e paredes de palhas de babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng), estas com durabilidade inferior, sendo necessário fazer a substituição das palhas, como relato de Dona J.: “... a minha casa é coberta de palha, mas tem que tirar na lua... na minguante dura mais tempo, de cinco a seis anos... depois tem que fazer outra cobertura...”. Em algumas propriedades há uma cozinha externa ou varanda com cobertura de palha, e, em outra foi observado a conservação da antiga moradia de palha, servindo como depósito de utensílios (paiol) após a edificação da nova moradia.

Em outras regiões do pantanal também foi identificado o uso de palmeiras na cobertura de casas como nos estudos de Galdino et al. (2009) em comunidade ribeirinha de Barão de Melgaço, de Carniello (2007) na fronteira Brasil-Bolívia e de Arruda et al. (2014).



Figura 2: Arquitetura das casas mimosseanas, Santo Antônio de Leverger – MT, 2022. Fonte: Acervo do projeto PELD DARP Pantanal.

De acordo com o perfil socioeconômico, dos 29 interlocutores (15 homens e 14 mulheres) a maior parte possui mais de 60 anos. Percebe-se que existe uma forte relação entre a indicação dos interlocutores e a idade deles, pois, geralmente, as pessoas com idade mais avançada são detentoras dos saberes tradicionais, uma vez que o tempo de permanência no sistema é maior. Essas pessoas são reconhecidas como autoridades enquanto guardiãs da memória local. Ferreira et al. (2020) classificam os interlocutores em “experientes”, aqueles que vivenciaram a história da comunidade; “atuantes”, pessoas representativas na comunidade; e “vindouros” futuros líderes da comunidade.

Quanto a naturalidade, a maioria (86,2%) nasceu no distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), e segundo relatos nasceram de parto natural, sendo essa prática muito comum em épocas passadas na região. Algumas pessoas nasceram em municípios próximos e um morador é natural de Corumbá, região pantaneira de Mato Grosso do Sul.

Com relação ao tempo de permanência no sistema houve uma variação de sete a 90 anos. Aqueles que residem no local há mais tempo nasceram na própria comunidade, já os que moram há menos tempo, têm como principal motivo da vinda para Mimoso o casamento com algum morador local. Essa permanência de longa duração no sistema, juntamente com as relações estabelecidas no grupo social da comunidade possibilita o enfrentamento às dificuldades e maior capacidade de superação caracterizando a resiliência.

Quando perguntado “Como é viver em Mimoso”, responderam por unanimidade que gostam muito de viver no local e sentem orgulho de serem mimoseanos e pantaneiros. Dessa forma, pode-se perceber os sentimentos e a veracidade de cada resposta nas narrativas dos interlocutores. As palavras com maior expressividade foram agrupadas e organizadas graficamente por meio da construção da nuvem de palavras (Figura 3). O termo ‘pertencimento’ ganha relevância, pois trata da identidade e da vivência dos moradores na comunidade, sempre demonstrada com emoção e nas lembranças ainda vivas do passado.



Figura 3: Nuvem de palavras gerada das narrativas dos mimoseanos como resposta da vivência na comunidade. Santo Antônio de Leverger - MT.

A maior parte dos interlocutores são aposentados, mesmo assim exercem outras atividades para complementar a renda, como a criação de gado, a agricultura de subsistência e a apicultura. Algumas pessoas, embora tenham um número reduzido de gado ou uma pequena roça, não se declaram como pecuaristas ou agricultores. A quantidade e o tipo de criação variam entre os moradores, alguns possuem somente bovino, outros possuem bovino, equino e suíno. Esses animais são utilizados na dieta alimentar (carne), na produção de leite e no trabalho (cavalo).

Dentre os cultivos da agricultura de subsistência estão mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), cana-

de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.), banana (*Musa* sp.), batata-doce (*Ipomoea batatas* (L.) Lam.), abóbora (*Cucurbita* sp.) e milho (*Zea mays* L.). A força do trabalho é a mão-de-obra familiar. Nas comunidades tradicionais, as pessoas aprendem cultivar e cuidar das plantas durante a infância, ao acompanhar os pais na roça, essa prática envolve dedicação, afetividade e, permanece na pessoa por toda sua existência (AMOROZO, 2002). Esse tipo de agricultura é praticado em comunidades ribeirinhas pantaneiras em diversas localidades do rio Cuiabá (SILVA, 2020). A mandioca, um dos principais cultivos, possui importância histórica e cultural por compor a base do sustento das pessoas durante a colonização brasileira e dos povos antigos (JOSEPH et al., 2021). Nessa atividade nota-se a presença de alguns dos princípios da segurança alimentar (GRISA et al., 2010), como a produção de alimentos para autoconsumo e a qualidade nutricional por meio dos insumos utilizados.

Os apicultores retiram o mel das caixas onde as abelhas são criadas ou diretamente da colmeia formada no cambará (*Vochysia divergens* Pohl.), frequente nas matas ripárias do Pantanal, constituindo populações homogêneas denominadas cambarazais (LORENZI, 2008; POTT et al., 2011). A esse agrupamento de plantas onde há uma predominância de uma espécie sobre outras é denominado de espécie monodominante (SANDER et al., 2017). Embora a apicultura não seja a única atividade, todos comercializam a produção. Nas comunidades da baixada cuiabana a apicultura, geralmente, não se caracteriza como renda principal dos empreendedores e sim como complemento (LONGO et al., 2019). A qualidade dos produtos apícolas produzidos no pantanal mato-grossense é semelhante aos comercializados em outros países (FRANZ et al., 2018), suas propriedades antioxidante, antimicrobiana, antiviral e anticarcinogênica contribuem com a saúde humana na prevenção de doenças (KÜÇÜK et al., 2007).

O melhor período para a retirada do mel é o mês de agosto, principalmente quando o tempo está quente, pois se ocorrer friagem as abelhas acabam se alimentando do próprio mel. Utilizam técnicas tradicionais para a extração, como a fumaça e vestimentas comuns, além de conservação de parte do mel na colmeia para a manutenção da atividade. Seu J. relata sua experiência com a extração de mel:

Não crio abelha, acho a colmeia no campo (região alagável), ela faz o mel com a flor do cambará. No morro (morraria) faz pouco enxame, porque não tem água. Uso a fumaça para abelha saí, mais quando a abelha pica, não pode correr, se não elas atacam, aí eu passo mel mesmo. Tiro o mel na vasilha e apuro, espremo na peneira... deixo um pouco para abelha voltar, se tirar tudo elas vão embora. Tiro em média 20 litros, mais já cheguei a tirar 70. Meu filho leva e vende em Cuiabá e outra parte vendo aqui também. Desde criança faço isso, fui tomando prática e faço até hoje... também ensino para os jovens que querem aprender (Seu J., 74 anos).

A comunidade apresenta divisão de trabalho entre homens e mulheres. As mulheres, que cuidam da casa ou aquelas que trabalham fora, agregam a renda familiar com o feitiço de doces de frutas, licores, xaropes e trabalhos artesanais. Esses produtos são comercializados por elas em suas casas e no Memorial Rondon, que aos finais de semana e feriados recebe a visita de moradores de comunidades vizinhas e de turistas.

O trabalho de serviços gerais é braçal, feito com foice (roçar), machado (cortar lenha) ou enxada (capinar) e na construção de cerca e curral. Todos, independentemente da atividade que exercem têm histórias para contar, sejam elas vivenciadas ou transmitidas, oralmente, pelos seus antepassados.

Embora não sejam pescadores, os mimoseanos possuem conhecimento a respeito das melhores iscas

para cada tipo de peixe, dos melhores locais e períodos para pegar os peixes, além das percepções das alterações ambientais provocadas pelo homem. Segundo Leite (2011) a população pantaneira que vive às margens dos rios ou lagoas, desenvolve uma percepção ambiental intimamente relacionada com a água.

Os principais alimentos consumidos pelas famílias mimosoanas provém da própria comunidade. A base proteica é constituída de carne de gado ou de porco, frango (criados pelos moradores) e peixe (pescado na região). Os vegetais utilizados no preparo das refeições são cultivados, principalmente na roça (mandioca, banana, batata, abóbora e milho) e em pequenas hortas (temperos). A mandioca é uma cultura comum no município de Santo Antônio de Leverger, de acordo com Amorozo (2002) na região existe, aproximadamente, 60 variedades. A autora acrescenta que "... em ambientes de agricultura de subsistência, a segurança alimentar constitui uma das mais importantes motivações para a manutenção de cultivares...". No estado de Mato Grosso foram produzidas 281.962 toneladas de mandioca em área equivalente a 19.093 hectares.

Alguns moradores conservam os hábitos tradicionais e tem como primeira refeição do dia o 'quebra-torto', comida típica da cultura mato-grossense, geralmente feita com carne frita, arroz, farinha de mandioca e ovo. Essa tradição é comum no pantanal, está vinculada aos trabalhos pesados, por isso é servido antes de iniciar os mesmos, frequentemente, acompanhado de café, chá-mate ou leite (GUARIM NETO et al., 2012). Nas fazendas pantaneiras é servido de madrugada, quando a peonada parte para a lida no campo, sem hora certa para voltar. Em comunidade ribeirinha de Estirão Comprido, o 'quebra-torto', é a refeição realizada no café da manhã, antes dos pescadores saírem para o trabalho (MORAIS et al., 2009).

Outros iniciam o dia tomando guaraná (*Paullinia cupana* Kunth.), comprado em pó ou em bastão e ralado na grosa. Os mimosoanos tem todo um ritual para preparar a bebida, o pó é misturado com açúcar refinado (no passado utilizavam açúcar era em torrão, feito de modo artesanal) e um pouco de água, mexe-se bem e, em seguida acrescenta-se mais água, sempre mexendo, alguns adicionam raiz de carapiá (*Dorstenia cayapia* Vellozo) ou folha de figo (*Ficus carica* L.). Os interlocutores relatam os benefícios da bebida: "faz bem; dá vigor; tira a fome". Esse hábito antigo e tradicional é originário dos povos indígenas da Amazônia e muito consumido no pantanal e em diversas localidades da baixada cuiabana. O guaraná (*P. cupana*), foi descoberto e domesticado pelos indígenas da etnia Sateré-Mawé, habitantes da Amazônia, com o primeiro registro de ocorrência no século XVII na região interfluvial Madeira-Tapajós pelos missionários jesuítas, e posteriormente, transformado e comercializado dentro e fora do país (FIGUEROA, 2016).

Nas demais refeições é comum preparar a carne com alguma mistura (banana verde, abóbora, maxixe ou mandioca) para comer com arroz sem sal; carne com arroz; farofa; feijoada; galinha com arroz; e peixe. As refeições são preparadas em diferentes tipos de fogões, a gás, a lenha ou em tacuru. Esse último é observado em diversas moradias, constitui uma herança indígena, sua estrutura é feita de pedra ou de cupinzeiro o que possibilita assentar panelas para cozinhar os alimentos (SILVA et al., 1995). Estudos antropológicos, como os de Mintz (2001) e Maciel (2005), mostram a conexão entre a alimentação e os aspectos culturais. Assim como Arruda et al. (2018) apontam a questão cultural da pesca na alimentação em comunidades quilombolas de Mato Grosso.

As mulheres de mais idade fazem pão, bolo, biscoitos, doces etc., no entanto, com a instalação de

padaria e supermercado alguns mimoseanos estão incorporando novos hábitos, pois encontram alimentos prontos nesses estabelecimentos. De acordo com Nascimento et al. (2019) essa prática ocorre, principalmente, com os mais jovens, apesar disso a presença de comidas tradicionais nessas comunidades é frequente. Segundo os autores, mesmo que as tradições são praticadas e transmitidas, algumas são misturadas com valores, significados e novas práticas alimentares. Contudo, os mimoseanos respeitam as datas religiosas comendo somente o que é permitido no período, como acontece durante a Semana Santa.

Em Mimoso, além do manejo das roças, da criação do gado, da pesca, da extração do mel, e da culinária tradicional, outros saberes e fazeres caracterizam a identidade da comunidade (Figura 4). Também fazem parte das vivências dessa população outros produtos bioculturais, por exemplo a medicina tradicional, a produção de sabão dicuada, o feitiço de doces e os processos artesanais na madeira (viola-de-cocho, pilão e canoa), alguns desses descritos a seguir.



Figura 4: Produtos bioculturais da Comunidade Mimoso, Santo Antônio de Leverger – MT, 2022.

Um dos remédios tradicionais produzidos pelas mimoseanas é o xarope, feito a partir do jatobá (*Hymenaea stigonocarpa* Mart. ex Hayne) e indicado como anti-inflamatório, no tratamento de tosse, bronquite, asma e outros problemas pulmonares. Outro uso tradicional da espécie é na forma de licor, denominado por alguns interlocutores de ‘viagra pantaneiro’. A produção do xarope é realizada por mulheres, porém os homens também estão envolvidos, principalmente, nos momentos de coleta das cascas, desta forma os afazeres com os produtos da sociobiodiversidade, muitas vezes, envolve todo o núcleo familiar. Guarim Neto (2006) destaca o jatobá (*H. stigonocarpa*) para diversas indicações de usos na medicina tradicional do pantanal, a exemplo da sinusite, dor de estômago, do peito e das costas, machucaduras e fraturas.

Atualmente a fabricação da canoa (de um pau só ou de tábuas) é reduzida e fica restrita a poucos mimoseanos. Seu feitiço passa pela escolha adequada da árvore, o melhor período para ser derrubada, as ferramentas utilizadas e o modo de acabamento, pois a durabilidade, a facilidade para ser talhada e a leveza

para conduzir são critérios importantes na escolha da madeira.

Para os mestres canoeiros de comunidades pantaneiras uma das madeiras utilizadas é o cambará (*V. divergens*), e a melhor lua para o corte é a fase crescente, acreditam que nesse período a madeira apresenta maiores durabilidade e sustentabilidade (QUADROS, 2013). O autor afirma que algumas pessoas fazem canoas, exclusivamente, para uso familiar, e dessa forma guardam o saber fazer desta embarcação. De acordo com os interlocutores, herdaram esse conhecimento de familiares e pessoas mais velhas da região, como relatado pelo Seu M., 45 anos: “Meu avô fazia muita canoa de um pau só, usava pau de chimbuva, piúva, cambará e guanandi... aprendi fazer com ele... a canoa chega até mesmo onde outra embarcação não consegue chegar, é leve e rápida”. Na literatura científica essas plantas são denominadas, respectivamente, *Enterolobium contortisiliquum* (Vell.) Morong, *Handroanthus serratifolius* (Vahl) S. Grose, *Vochysia divergens* Pohl, *Calophyllum brasiliense* Cambess. Dessa forma, a partir da abordagem êmica os elementos empíricos são compreendidos, enquanto na abordagem ética utiliza-se ferramentas para interpretá-los.

O cambará (*V. divergens*) possui madeira moderadamente pesada, macia e fácil de trabalhar, além do feitio de canoas é utilizada na confecção de cochos e brinquedos, porém apresenta baixa resistência mecânica. Provavelmente é a mais importante espécie madeireira que pode ser aproveitada racionalmente no pantanal através do manejo florestal (POTT et al., 1994; LORENZI, 2008). Essa espécie tem sido estudada no pantanal pelos autores Castrillon et al. (2014); Arieira et al. (2011); Cunha et al. (2006).

O sabão dicuada é preparado a partir do “pau de babaçu” e gordura animal, e utilizado, principalmente, na higiene pessoal. Dona D. relata que esses saberes vieram de seus antepassados, aprendeu a fazer com sua mãe, sendo que esta aprendeu com sua avó. Explica que depois de coletar o babaçu (*A. speciosa*) na morraria ele é colocado no fogo para queimar até se transformar em cinzas, estas não são diretamente usadas no preparo do sabão, mas para obter a dicuada.

Schwenk et al. (2000) descrevem o uso das cinzas de outras espécies vegetais para a produção de sabão. Segundo Pinheiro et al. (2010) as mulheres detentoras de saberes tradicionais produzem o sabão diquada com cinzas resultantes da queima das palhas de café, de feijão e do caule de assa-peixe, e afirmam que a transmissão do conhecimento sobre esse tipo de sabão ao longo das gerações, bem como sua conservação cultural, evidencia tratar-se de um bem de valor presente em diversas comunidades.

CONCLUSÕES

Os mimoseanos são pessoas simples e dispostas a compartilhar seus saberes e práticas tradicionais presentes no cotidiano, identificados por meio de produtos bioculturais, de valores e sentimentos de pertencimento ao lugar.

O patrimônio biocultural é conservado e os costumes tradicionais são repassados entre as gerações por meio do convívio familiar, a esses costumes são incorporados novos hábitos introduzidos na comunidade e que constituem a dinâmica cultural.

Os vínculos de amizade, reciprocidade, compadrio e parentesco estão presentes na comunidade podendo ser observado em momentos que se entrelaçam as dimensões social e cultural.

Apresentam uma estreita relação com o ambiente, nomeiam e classificam em macrohabitats, nele realizam suas práticas ecológicas e culturais e dele retiram produtos para sua subsistência.

AGRADECIMENTOS: Agradecemos aos moradores da comunidade tradicional Mimoso, município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, pela generosidade, receptividade e por fornecer informações para a construção desse trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A.; SILVA, C. J.. As Comunidades tradicionais pantaneiras Barra de São Lourenço e Amolar, Pantanal, Brasil. *História e Diversidade*, Cáceres, v.1, p.10-31, 2012.
- ALVARENGA, S. M.; BRASIL, A. E.; PINHEIRO, R.; KUX, H. J. H.. **Estudo geomorfológico aplicado à bacia do Alto Rio Paraguai e Pantanaís Mato-grossenses**. Boletim técnico - Série Geomorfologia. Projeto Radambrasil, 1984.
- AMARO, F.. **Sociologia da família**. Lisboa: Pactor, 2014.
- AMOROZO, M. C. M.. Agricultura tradicional, espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, U. P. ALVES, A. G. C.; BORGES, A. C. L.; SILVA, V. A.. **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. Recife: SBEE, 2002. p.123-131.
- ARIEIRA, J.; KARSSENBERG, D.; JONG, S. M.; ADDINK, E. A.; COUTO, E. G.; CUNHA, C. N.; SKØIEN, J. O.. Integrating field sampling, geostatistics and remote sensing to map wetland vegetation in the Pantanal, Brazil. *Biogeosciences*, v.8, p.667-686, 2011. DOI: <http://doi:10.5194/bg-8-667-2011>
- ARRUDA, J. C.; SILVA, C. J.; SANDER, N. L.. Conhecimento e uso do babaçu (*Attalea speciosa* Mart.) por quilombolas em Mato Grosso. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v.24, n.2, p.239-252, 2014.
- ARRUDA, J. C.; SILVA, C. J.; SANDER, N. L.; PULIDO, M. T.. Conhecimento ecológico tradicional da ictiofauna pelos quilombolas no Alto Guaporé, Mato Grosso, Amazônia meridional, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, v.13, n.2, p.315-329, 2018. DOI: <http://doi.org/10.1590/1981.81222018000200004>
- BATALHA, L.. Breve Análise sobre o Parentesco como Forma de Organização Social. In: **Estudos de Homenagem ao Professor Adriano Moreira**. Lisboa: ISCSP/UTL, 1995. p.749-62.
- BAYLEY, K. D.. **Methods of social research**. New York: Free Press, 1982.
- BERKES, F.; FOLKE, C.. **Linking social and ecological systems: management practices and social mechanisms for building Resiliense**. New York: Cambridge University Press, 1998.
- BRASIL. **Decreto n. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília: DOU, 2007.
- CARNIELLO, M. A.. **Estudo etnobotânico nas comunidades de Porto Limão, Porto Alambrado e Campo Alegre, na fronteira Brasil-Bolívia, Mato Grosso, Brasil**. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2007.
- CASTRILLON, J. R. F.; ANDRADE, S. C. J. G.; ALBUQUERQUE, M. C. F. E.; CASTRILLON, S. K. I.; MORAIS, F. F.. Produção de mudas de cambará (*Vochysia divergens* Pohl) em diferentes substratos e tolerância à inundação no Pantanal Mato-grossense. *Brazilian Journal of Ecology*, v.1, p.51-59, 2014.
- CONCEIÇÃO, L. P.. Cor, compadrio e parentesco nos registros de batismo e casamento da freguesia de São Felipe – Recôncavo sul da Bahia (1889-1920). In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DE HISTÓRIA ORAL: HISTÓRIA ORAL, EDUCAÇÃO E MÍDIAS, 10. **Anais**. Salvador, 2015.
- CRUZ, L. E. M. B.. **Práxis educativa e a problemática do lixo em uma comunidade pantaneira - Mimoso/MT**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2002.
- CUNHA, C. N.; JUNK, W. J.. Year-to-year changes in water level drive the invasion of *Vochysia divergens* in Pantanal grasslands. *Applied Vegetation Science*, n.7, p.103-110, 2004. DOI: <http://doi.org/10.1111/j.1654-109X.2004.tb00600>
- DIEGUES, A C.. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.
- DIEGUES, A. C.. Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. In: DIEGUES, A. C.. **Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USP; PROBIO-MMA-CNPQ, 1999.
- FERREIRA, M. S. F. D.; SILVA, C. J.. Lugar, recursos e saberes dos ribeirinhos do médio rio Cuiabá, Mato Grosso. In: SILVA, C. J.; GUARIM NETO, G.. **Comunidades tradicionais do pantanal**. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: UNEMAT, 2020. p.47-56.
- FIGUEROA, A. L. G.. Guaraná, a máquina do tempo dos Sateré-Mawé. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v.11, n.1, p.55-85, 2016. DOI: <http://doi.org/10.1590/1981.81222016000100005>
- FRANZ, G. M.; FERREIRA, J. O.; LONGO, L.; LOUREIRO, E. M.; MENDONÇA, J. D. C.; BÁRBARA, K. G.; GALBIATI, C.. Análise polínica e compostos fenólicos de mel e própolis do Pantanal, Mato Grosso, Brasil. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais** v.9, n.1, p.13-25, 2018. DOI: <http://doi.org/10.6008/SPC2179-6858.2018.001.0002>

- GALDINO, Y.; SILVA, C. J.. **Casa e Paisagem pantaneira:** conhecimento e práticas tradicionais. Cuiabá: Carlini Caniato, 2009.
- GEERTZ, C.. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOMES, J. C.. **Construindo caminhos educativos para a interpretação do ambiente pantaneiro.** Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.
- GRISA, C.; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S.. A produção invisível na agricultura familiar: autoconsumo, segurança alimentar e políticas públicas de desenvolvimento rural. **Agroalimentaria**, Mérida, v.16, n.31, p.65-79, 2010.
- GRUBITS, S.; HARRIS, I. D.; PEDROSO, M.. Mulheres indígenas: poder e tradição. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.10, n.3, p.363-372, 2005.
- GRÜN, M.. Hermenêutica, biorregionalismo e educação ambiental. In: SAUVÉ, L.; ORELLANA, I.; SATO, M.. **Textos escolhidos em Educação Ambiental:** de uma América à outra. Tomo I. Québec: Lês Publications ERE-UQAN, 2002. p.91-99.
- GUARIM NETO, G.. O saber tradicional pantaneiro: as plantas medicinais e a educação ambiental. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient**, v.17, 2006.
- GUARIM NETO, G.; GUARIM, V. L. M. S.; CARNIELLO, M. A.; FIGUEIREDO, Z. N.. Espaços pantaneiros - relato sobre o cotidiano em uma fazenda tradicional na região da fronteira Brasil-Bolívia: elos com a educação não-escolarizada. **FLOVET**, n.4. p.1-10, 2012.
- HILL, R.; PARRA, G. N.; EUÁN, J. J. G. Q.; BUCHORI, D.; LEBUHN, G.; MAUÉS, M. M.; PERT, P. L.; KWAPONG, P. K.; SAEED, S.; BRESLOW, S. J.; CUNHA, M. C.; DICKS, L. V.; GALETTO, L.; GIKUNGU, M. G.; HOWLETT, B. G.; IMPERATRIZ-FONSECA, V. L.; LYVER, P. O. B.; MARTÍN-LÓPEZ, B.; OTEROS-ROZAS, E.; POTTS, S. G.; ROUÉ, M.. Biocultural approaches to pollinator conservation. **Nature Sustainability**, p.214-222, 2019. DOI: <http://doi.org/10.1038/s41893-019-0244-z>
- JOSEPH, L. A.; ROSSETO, O. C.. Agricultura familiar no Distrito de Mimoso: Município de Santo Antônio de Leverger-MT. In: ROSSETO, O. C.; SILVA, J. M. R.. **Mimoso:** Comunidade tradicional do Pantanal Mato-grossense. Curitiba: Apris, 2021. p.95-124.
- KÖPPEN, W.. **Grundriss der Klimakunde:** Outline of climate science. Berlin: Walter de Gruyter, 1931.
- KÜÇÜK, M.; KOLAYL, S.; KARAOĞLU, S.; ULUSOY, E.; BALTAC, C.; CANDAN, F.. Biological activities and chemical composition of three honeys of different types from Anatolia. **Food Chemistry**, v.100, p.526-534, 2007. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.foodchem.2005.10.010>
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.. **Sociologia geral.** São Paulo: Atlas, 1990.
- LEITE, M. C. S.. **Águas encantadas de Chacororé:** natureza, cultura, paisagens e mitos do Pantanal. Cuiabá: Catedral Unicen, 2003.
- LEITE, M. C. S.. **Poéticas d'água:** na oralidade e no imaginário popular brasileiro. Cadernos de Estudos Culturais. Campo Grande: UFMS, 2011.
- LONGO, L.; GALBIATI, C.; SOUZA, C. A.. Pantanal Mato-grossense: aspectos socioeconômicos da apicultura e seu avanço em seis municípios na baixada cuiabana. **Revista Equador (UFPI)**, v.8, n.3, p.101-118, 2019. DOI: <http://doi.org/10.26694/equador.v8i3.9381>
- LORENZI, H.. **Árvores brasileiras:** manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 5 ed. Nova Odessa: Plantarum, 2008.
- MACIEL, M. E.. Identidade cultural e alimentação. In: CANESQUI, A. M.; GARCIA, R. W. D.. **Antropologia e Nutrição: um diálogo possível.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p.49-55.
- MAITELLI, G. T.. **Uma abordagem tridimensional de clima urbano em área tropical continental:** o exemplo de Cuiabá/MT. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- MALINOWSKI, B.. **Argonautas do Pacífico Ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural; Coleção Os Pensadores, 1978.
- MINAYO, M. C. S.. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C. S.. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p.61-77.
- MINAYO, M. C. S.; COSTA, A. P.. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, v.40, n.40, p.139-153, 2018.
- MINTZ, S. W.. Comida e Antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.16, n.47, p.32-42, 2001. DOI: <http://doi.org/10.1590/S0102-69092001000300002>
- MORAIS, F. F.; MORAIS, R. F.; SILVA, C. J.. Conhecimento ecológico tradicional sobre plantas cultivadas pelos pescadores da comunidade Estirão Comprido, Pantanal mato-grossense, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, Belém, v.4, n.2, p.277-294, 2009. DOI: <http://doi.org/10.1590/S1981-81222009000200005>
- NASCIMENTO, A. S.; BARROS, F. B.. Entre mangues, rios e igarapés: pesca, comida e cultura no Quilombo de Mangueiras (Ilha do Marajó, Pará). **Revista Etnobiología**, Cidade do México, v.17, n.3, p.78-98, 2019.
- NOVAES, S. C.. **Mulheres, homens e heróis:** dinâmica e permanência através da vida Bororo. São Paulo: FFLCH; USP, 1986.
- OLIVEIRA, J. E.. Da pré-história a história indígena: (Re) pensando a arqueologia e os povos canoeiros do pantanal. **Revista Arqueologia**, v.16, n.1, p.71-86, 2003. DOI: <http://doi.org/10.24885/sab.v16i1.180>
- PASA, M. C.. **Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá, Cuiabá - Mato Grosso.** Cuiabá: Entrelinhas:

EdUFMT, 2007.

PINHEIRO, P. C.; GIORDAN, M.. O preparo do sabão de cinzas em Minas Gerais, Brasil: do status de etnociência à sua mediação para a sala de aula utilizando um sistema hipermédia etnográfico. **Investigações em Ensino de Ciências**, v.15, n.2, p.355-383, 2010.

POTT, A.; OLIVEIRA, A. K. M.; DAMASCENO JUNIOR, G.A.; SILVA, J. S. V.. Plant diversity of the Pantanal wetland. **Brazilian Journal of Biology**, São Carlos, v.71, n.1, p.265-273, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1519-69842011000200005>

POTT, A.; POTT, V. J.. **Plantas do Pantanal**. Brasília: Embrapa; SPI, 1994.

QUADROS, I. P.. **Palavras científicas sonhantes em um território úmido feito à mão: a arte popular da canoa pantaneira**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.

ROSSETTO, O. C.; GIRARDI, E. P.. Dinâmica agrária e sustentabilidade socioambiental no Pantanal brasileiro. **Revista Nera**, v.15, n.21, p.135-161, 2012. DOI: <http://doi.org/10.47946/rnera.v0i21.2115>

SANDER, N. L.; RIBEIRO, R. S.; SILVA, D. R.; NETO, A. M. O.; LOPES, C. R. A. S.; ARRUDA, J. C.; PULIDO, M. T.; DA SILVA, C. J.. Floristic, Phytosociology and Spatial Distribution of a monodominant *Mauritia flexuosa* L.f. forest in an Southern Amazon in the Arc of Deforestation. In: SOARES, M. A.; JARDIM, M. A. G.. **Natural resources in wetlands: From Pantanal to Amazonia**. Belém: MPEG, 2017. p.162-182.

SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER. Câmara Municipal. **A história**. Santo Antônio de Leverger: Câmara Municipal, 2020.

SANTOS, P. R. M.. **Experiência familiar de vida e cuidado: laços e pertencimento**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2015.

SCHEUER, J. M.; NEVES, S. M. A.; GALVANIN, E. A. S.; NEVES, R. J.. (*In memoriam*). **Desenvolvimento Humano dos Municípios de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul Contidos**

no Bioma Pantanal. **Desenvolvimento em Questão**, Unijuí, n.45, 2018. p.82-96, 2018. DOI: <http://doi.org/10.21527/2237-6453.2018.45.82-96>

SCHWENK, L. M.; SILVA, C. J.. A Etnobotânica da Morraria Mimoso no Pantanal de Mato Grosso. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SOCIOECONÔMICOS DO PANTANAL: OS DESAFIOS DO NOVO MILÊNIO, 3. **Anais**. Corumbá: Embrapa-Pantanal, 2000.

SILVA, C. J.. **Análise de alterações hidrológicas das baías de Chacororé e Sinhá Mariana (Pantanal Mato-grossense) e recomendações para recuperação**. Cáceres: UNEMAT, 2021.

SILVA, C. J.. Povos e comunidades tradicionais e locais no pantanal. In: SILVA, C. J.; GUARIM NETO, G.. **Comunidades tradicionais do pantanal**. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: UNEMAT, 2020. p.21-37.

SILVA, C. J.; SILVA, J. A. F.. **No ritmo das águas do Pantanal**. São Paulo: NUPAUB, 1995.

SILVA, V. C.. Fazendo compadre: relações de compadrio entre o povo indígena Chiquitano. **Etnográfica**, v.21, n.3, p.599-612, 2017. DOI: <http://doi.org/10.4000/etnografica.5067>

VIEIRA FILHO, M. A. M.; SIQUEIRA, J. I. A.; SOUSA, R. S.; LEMOS, J. R.. Diversidad biocultural asociada al uso actual de plantas medicinales en una comunidad rural en el litoral piauiense (noreste de brasil). **Ethnoscientia - Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, v.3, 2018. DOI: <http://doi:10.18542/ethnoscientia.v3i0.10204>

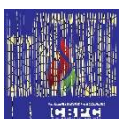
VIERTLER, R. B.. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em Etnobiologia e Etnoecologia. In: AMOROZO, M. C.; MING, L. C.; SILVA, S. P.. **Seminário de etnologia e etnoecologia do Sudeste, 2001**. Rio Claro: UNESP; CNPQ, 2002. p.11-29.

VINUTO, J.. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa. **Temáticas**, Campinas, v.22, n.44, p.203-220, 2014. DOI: <http://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>

VIVEIROS, E. D.. **Rondon conta sua história**. Rio de Janeiro: Cooperativa Cultural dos Esperantistas, 1969.

Os autores detêm os direitos autorais de sua obra publicada. A CBPC – Companhia Brasileira de Produção Científica (CNPJ: 11.221.422/0001-03) detêm os direitos materiais dos trabalhos publicados (obras, artigos etc.). Os direitos referem-se à publicação do trabalho em qualquer parte do mundo, incluindo os direitos às renovações, expansões e disseminações da contribuição, bem como outros direitos subsidiários. Todos os trabalhos publicados eletronicamente poderão posteriormente ser publicados em coletâneas impressas ou digitais sob coordenação da Companhia Brasileira de Produção Científica e seus parceiros autorizados. Os (as) autores (as) preservam os direitos autorais, mas não têm permissão para a publicação da contribuição em outro meio, impresso ou digital, em português ou em tradução.

Todas as obras (artigos) publicadas serão tokenizadas, ou seja, terão um NFT equivalente armazenado e comercializado livremente na rede OpenSea (https://opensea.io/HUB_CBPC), onde a CBPC irá operacionalizar a transferência dos direitos materiais das publicações para os próprios autores ou quaisquer interessados em adquiri-los e fazer o uso que lhe for de interesse.



Os direitos comerciais deste artigo podem ser adquiridos pelos autores ou quaisquer interessados através da aquisição, para posterior comercialização ou guarda, do NFT (Non-Fungible Token) equivalente através do seguinte link na OpenSea (Ethereum).

The commercial rights of this article can be acquired by the authors or any interested parties through the acquisition, for later commercialization or storage, of the equivalent NFT (Non-Fungible Token) through the following link on OpenSea (Ethereum).



<https://opensea.io/assets/ethereum/0x495f947276749c6e646f68ac8c248420045cb7b5e/44951876800440915849902480545070078646674086961356520679561157957235429605377/>